

**Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

Entre as montanhas e o mar: Trabalho, conquista e aventura nos sertões mineiro e baiano. Século XVIII.

Isnara Pereira Ivo*

Resumo: Analisa-se, brevemente, a trajetória de um aventureiro que durante o século XVIII, percorreu os sertões de Minas Gerais e da Bahia em busca de conquistas e de riquezas. Os espaços das aventuras e conquistas foram a Barra do rio Doce, as margens do rio São Mateus, nos sertões mineiros e, posteriormente, Alto Sertão e Sertão da Ressaca, na Bahia. O encontro com o novo e o desconhecido foi marcado por experiências revertidas em alianças e confrontos. Seus relatos demonstram que as aproximações com o distinto tonificaram seus sentimentos com sensações diversas de incerteza e de segurança, de reconhecimento público e de realização pessoal.

Palavras-chaves: América portuguesa, Sertão da Bahia. Sertão de Minas Gerais.

Abstract: The colonial Portuguese world, connected to several transcontinental spaces, was a scenery grounded in structure propitions to the dislocation of social agents responsible for mediations never seen before. In a concise way, the analysis of the trajectory of tree men has been done. A Italian and two portugueses; one of them an ex-slave who during the XVIII century went through the “sertões” of Minas Gerais and Bahia, loking for conquers and wealth.

Key-words: Portuguese American, Sertão of Bahia. Sertão of Minas Gerais.

Nas primeiras décadas do século XVIII, um filho de português encontra-se nos sertões mineiro e baiano protagonizando entradas e conquistas, motivado e inspirado, principalmente, pela suposta existência de minas de prata no sertão da Bahia e minas de esmeraldas no norte de Minas Gerais.

O processo de dilatação dos interesses coloniais a partir de Minas Novas do Arassuahy, tendo o italiano Pedro Leolino Mariz como Superintendente das Minas, abrigou o percurso aventureiro e conquistador de João da Silva Guimarães. Morador da Vila do Carmo (Mariana) e sesmeiro, recebeu diretamente do rei de Portugal, D. João, em Lisboa, a patente de capitão-mor das Ordenanças do distrito de Sumidouro, da Vila de Nossa Senhora do Carmo, conforme justificado pelo rei ao Governador Geral da Capitania das Minas, Dom Lourenço de Almeida.

Vários indícios levam a crer que Guimarães era de fato filho do emboaba Paschoal da Silva Guimarães, líder dos motins de 1720, em Vila Rica. Pedro Calmon ao prefaciá-lo o romance *As minas de prata* de José de Alencar, com o título *a verdade das minas de prata*, afirma:

João da Silva Guimarães, filho de Pascoal da Silva Guimarães, ‘emboaba’ orgulhoso e rebelde, [...] com um magote de companheiros irrompera para o norte de Minas Gerais, indo rasgar os primeiros rumos na direção do rio das Contas, do rio Pardo, das cabeceiras do Paraguaçu e das serras brancas que lhe dominam o curso tortuoso (CALMON, 1951:21 e 22).

Outras evidências documentais apontam para a veracidade do que afirmou Calmon. Em correspondência para João da Silva Guimarães sobre os motins, o governador da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro – D. Pedro de Almeida Portugal, Conde de Assumar – confirma o seu envolvimento e o do seu pai nos acontecimentos.

Paschoal da Silva Guimarães foi um português pobre que chegara ao Brasil buscando riquezas. De caixeiro viajante no Rio de Janeiro, passou a ser mascate nas Minas, onde exercia atividade de minerador em Vila Rica (VASCONCELOS, 1904:173-174). Firmou-se como liderança a favor dos portugueses na “guerra dos emboabas”, ao conceder 2 mil homens para Manuel Nunes Vianna,¹ mais tarde, tornou-se grande líder na conhecida “Revolta de Felipe dos Santos”, motim ocorrido em Vila Rica, em 1720, contra o estabelecimento das Casas de fundição e moeda.

Se nas décadas de 20, Guimarães aparece, juntamente com o seu pai, como um vassalo infiel, alguns anos depois, quando recebe a patente de capitão-mor é agraciado não somente no título, mas também com as palavras do próprio governante máximo do Império lusitano. Reviravolta que denuncia os jogos de interesses e mudanças de posição assumidas pelos atores históricos em função da defesa de seus anseios e conquistas.

Os espaços das conquistas de João da Silva Guimarães foram a Barra do rio Doce, as margens do rio São Mateus, nos sertões mineiros e, posteriormente, Alto Sertão e Sertão da Ressaca, na Bahia. Trabalho e aventura tonificam seus sentimentos misturando sensações distintas de incerteza e segurança, de reconhecimento público e de realização pessoal. Revisitando os conceitos psicoculturais de Sérgio Buarque de Holanda para demonstrar o caráter das atividades portuguesas, percebemos os presentes também nas ações de interiorização protagonizadas por Guimarães. Seu lado aventureiro o estimula a ignorar as fronteiras (HOLANDA, 1994a:13).

De outro modo, seu espírito trabalhador “enxerga as dificuldades a vencer, não [apenas] o triunfo a alcançar”(HOLANDA, 1994a:13). Guimarães registra o esmero que acompanha o serviço que presta à Coroa portuguesa, mostrando-se vassalo dedicado na busca das tão faladas esmeraldas existentes no sertão das Minas e das mitológicas reservas de ouro e prata, no sertão da Bahia, também ainda não descobertas. Sua trajetória acaba por descortinar a

veracidade ou não de tais histórias. Inicialmente esclarece que “as primeiras notícias, que o cabo (José de Souza Pereira) me [lhe] tinha dado de haver ouro onde tinha chegado, eram menos verdadeiras do que devia dar qualquer pessoa, que se deseja justificar no serviço e S. majestade”.²

Destemido, mesmo após o conflito com os Machacalis, continua seu percurso aprisionando índios e os remetendo às autoridades coloniais. Em 1737, registrou-se às autoridades da região de Minas Novas, especialmente ao superintendente Pedro Leolino Mariz, algumas peculiaridades de um grupo de índios preso por Guimarães. No registro, vê-se exemplos das misturas processadas entre brancos e índios, mas que causam surpresas aos governantes que, assustados diante do distinto e mestiço, acrescentam características não próprias de seres humanos:

chegaram aqui 50 gentios bárbaros da conquista do mestre-de-campo João da Silva Guimarães e é prodígio de Deus ver a ânsia com que estes paganismo pede batismo entre eles vinha uma criança de três para quatro anos branquíssima feições miúdas cabelo louro e olhos azuis esta com mais de quatro pouco mais ou menos da mesma idade são de outra nação chamada Catajós [sic] [...] dão a notícia de que há outra nação que não tem palmas de mãos e que por todo o corpo tem cabelos como na cabeça e o couro duríssimo, em termos que a maior parte as flechas lhe não fazem dano[...].³

A busca de metais e pedras preciosas empreendida por Guimarães está relacionada às lendárias narrativas de Belchior Dias Morêa – conhecido como o Moribeca – acerca da existência destas riquezas no sertão. Já em 1725, o sertanista Pedro Barbosa Leal, em correspondência ao Visconde Sabugosa, Governador-Geral do Brasil, relata as aventuras de Morêa nos primeiros anos do século XVII em várias serras e no vale do rio São Francisco, localidade onde teria descoberto minas de ouro, de prata, pedras preciosas e também salitre.⁴ Segundo Leal, após oito anos de empreendimento, Morêa retornou à Espanha exigindo o reconhecimento de suas descobertas solicitando ao rei espanhol altas mercês que lhes foram negadas. Diante do impasse não revelou o caminho das riquezas aos governadores da Bahia e de Minas Gerais.

¹ Discurso histórico e político sobre a sublevação que nas Minas houve no ano de 1720. 1994. p. 66.

² Conta que deu o mestre-de-campo João da Silva Guimarães dos progressos do seu descobrimento em que declara o que fez e achou em todo o tempo que andou naquela campanha. Relato transcrito na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais - RIHGMG. Ano II. Vol. II. Belo Horizonte, 1945. p. 142-153. p. 143. A partir da próxima nota será citado: Relato Guimarães acompanhado do número da página.

³ APM. SC 61. Registro de cartas do governador ao Vice-rei, a Gomes Freire e a diversas autoridades, destas ao governador e instruções. 1737. p. 113-114. Documento deteriorado não constando o final da correspondência.

⁴ Relatório do coronel Pedro Barbosa Leal ao Conde de Sabugosa, Vice-rei do Brasil, datado de 22.11.1725. In: VARNHAGEN, Francisco. Adolpho. *História Geral do Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Melhoramentos, IV vol, 1952.

As lendas sobre a existência de grandes quantidades de ouro, prata e pedras preciosas foram um dos principais agentes impulsionadores da interiorização dos sertões. Os relatos referiam-se a três lugares que abrigavam inúmeras riquezas. Vapabuçu do ouro referia-se a uma grande lagoa dourada; Sabarabuçu da prata ligava-se a uma grande serra repleta deste mineral, também chamada Itaberaca-assu; e, a Serra das Esmeraldas. Esta serra, que abrigava pedras verdes, estaria supostamente localizada na parte leste da cordilheira do Espinhaço que divide as bacias dos rios Doce, Jequitinhonha e Mucuri. As primeiras entradas iniciaram em 1550 a partir do litoral da Bahia e Espírito Santo, pela serra do Mar e penetrando a floresta tropical pelo leito destes rios. Segundo Holanda, estas lendas pouco se aproximam das narrativas maravilhosas do imaginário espanhol do século XV (HOLANDA, 1994b:41).

Após a morte de Morêa, em 1619, vários sertanistas tentam encontrar os caminhos das tais riquezas sem sucesso. Quando, nos primeiros anos do século XVIII, João da Silva Guimarães inicia suas entradas pelos sertões mineiro e baiano e começa a relatar as possíveis descobertas, o Vice-rei do Brasil, Conde de Athouguia, mantém-se cauteloso antes de divulgar a descoberta empreendida.⁵

Guimarães continua o relato de suas atividades no rio Doce, sem, contudo, deixar de registrar seu empenho e dedicação em encontrar as riquezas tão desejadas pelo governo português:

*Não achei ouro de conta, não obstante ele mostrar suas faíscas, que segundo as experiências do mineiro, mostram ser corridas, e haver ouro nas suas últimas cabeceiras; e só lhe achei umas pedrinhas com luz vermelha que remeti ao Superintendente Geral; e suposto que este rio fica desta banda de cá do rio doce até onde faz barra no rio Doce, por ele abaixo caminhei dezenove dias, sem achar que sertanista algum o tivesse andado, senão a bastantes anos a esta parte, até chegar a uma serra, que chama os sertanistas Guturuna, na qual me dizia o cabo e um sobrinho seu, que comigo iam, haver nela esmeraldas, e, examinando-a, nem escórias delas achei.*⁶

A busca pelas esmeraldas animou vários vassalos do rei, não sendo confiada à descoberta unicamente a João da Silva Guimarães. O governador da capitania de Minas Gerais, Dom Lourenço de Almeida, em portaria do início do ano de 1732, outorga a tarefa a um outro sertanista que, futuramente, será um dos maiores adversários de Guimarães nas entradas dos sertões.

⁵ ANAIS BN. Vol. XXXI. Ofício do Vice Rei Conde de Athouguia dando conta da informação que recebera do Comandante das Minas Novas do Arassuahy, Pedro Leolino Mariz e do mestre-de-campo João da Silva Guimarães, acerca da descoberta das minas de prata, que anos antes tinham sido reveladas por Belchior Dias Morêa, por alcunha o Moribeca. Bahia, 25 de maio de 1753. p. 48.

⁶ Relato Guimarães. p. 144.

[...] a sua grande atividade é que pode fazer este grande descobrimento por cuja causa não deve ser perturbado de outrem para melhor se descobrirem as esmeraldas o que não sucederá se houver perturbações porque delas costumam nascer contendas e desordens que impedem o descobrimento; ordeno por esta portaria que nenhuma pessoa de qualquer qualidade e condição que for impeça os descobrimentos do dito mestre-de-campo Francisco de Mello Cotinho Souto Mayor [...].⁷

As dificuldades de suprimentos e mesmo a perda de familiares, no processo de conquista do sertão do rio Doce e do sertão do rio São Mateus, fazem com que, diante de si e do rei, João da Silva Guimarães tente construir uma imagem de homem destemido e comprometido com a causa real. Seu espírito bajulador engrandece suas ações e denuncia, de outro modo, o único empecilho às suas conquistas, os índios.⁸

O tratamento destinado aos índios por Guimarães é denunciado pelo seu adversário como violento e sem medidas. Souto Mayor registra ao governador das Minas as ações desmensuradas de Guimarães, atribuindo, de outro modo, uma das causas dos desmandos – problema de jurisdição dos sertões.⁹

Garantir o título de descobridor significava elevar-se na hierarquia colonial e tornar-se merecedor das cobiçadas mercês concedidas pela Coroa àqueles responsáveis pelos feitos que aumentavam a fazenda real. Seu relato revela que, em seu empreendimento, procurou envolver vários de seus familiares, fazendo deles seus aliados nas querelas enfrentadas com outros sertanistas também envolvidos nas conquistas dos sertões mineiros:

Detive-me sete meses e alguns dias, supondo me chegaria o socorro que pedi, em cujo tempo me chegou uma parca porção, que um primo meu, Sargento Mor, José da Silva Guimarães, morador no Serro Frio, me mandou; e sendo tão limitado, que apenas me chegaria para sair para fora, fazendo forças da fraqueza, intentei novamente o Sertão do rio São Mateus, deixando o Rio Doce[...].¹⁰

A mudança de direção – do sertão do rio Doce para o sertão de São Mateus – seguida por Guimarães é justificada, diante do rei, por haver outras pessoas, segundo ele, tentando apropriar-se de suas entradas e, com isso, conseguir da Coroa o reconhecimento que todos, inclusive ele, desejava:

⁷ APM. SC 27. Registro de bandos, regimento, ordens, portarias, petições, representações, propostas, despacho e cartas. 1729-1732. Portaria de Dom Lourenço de Almeida, governador da Capitania de Minas Gerais. Vila Rica. 31 de janeiro de 1732. p. 104V.

⁸ Relato Guimarães. p. 145.

⁹ APM. SC 27. Registro de bandos, regimentos, ordens, portarias, petição, representações, propostas, despachos, cartas. 1724-1732. Resposta de Dom Lourenço de Almeida à Carta de Francisco Mello Coutinho Souto Maior ao governador da Capitania de Minas Gerais, escrita em 22 de outubro de 1731. Vila Rica, 31 de janeiro de 1732.

¹⁰ Relato Guimarães. p. 145.

[...] por ter tido uma notificação do doutor Antonio Ferreira do Vale de Melo, Ouvidor do Serro Frio, para que notificasse qualquer pessoa que quisesse ir para a dita parte, porque só pertencia ao mestre-de-campo Francisco de Melo; e suposto que, somente de V. Ex. pela portaria que tinha para o Capitão-mor Domingos Homem, se vê que quer V. Ex. que por diferentes partes se cometam os sertões [...].¹¹

Insistentemente em seu relato registra que é o responsável pela conquista dos sertões mineiros, e, com cautela, e temendo conflitos com as autoridades e os sertanistas regionais, mostra-se obediente, apesar de se sentir injustiçado, por ainda não ter recebido da Coroa o reconhecimento. Denunciando também traições sofridas por pessoas que compunham a sua bandeira em outros momentos, não perde a oportunidade de enfatizar que já havia remetido as provas de seus descobrimentos ao governo português.¹²

Objetivando desfazer a imagem construída de si por seu adversário, Guimarães apresenta-se, à Mariz e ao rei, como um homem de bem e pouco afeito às causas violentas afirmando ter aguardado do Superintendente Geral uma correção da situação após conclusão do sumário de testemunhas e que, caso o mestre-de-campo Domingos Homem não tivesse morrido, seria ele vítima da violência de seu oponente:

Como é notório aqui confessar ele na hora da sua morte o desígnio com que partiu a ir se incorporar comigo, para debaixo de paz me matar; paga na verdade digna para a despesa que meu pai, e eu fizemos a seu cunhado Lucas de Freitas de três mil e tantas oitavas de ouro, para fazer o descobrimento, que ao depois ele chamou de si [...].¹³

Prossegue enaltecendo o empenho parcimonioso que considera ter tido com os índios, destacando que no processo de aldeamento indígena se deve dar as ferramentas necessárias à prática da agricultura, assim como roupas para que possam iniciar o hábito de práticas religiosas. Considerando-se vitorioso em sua trajetória de aventuras, apresenta ao rei as nações indígenas por ele reduzidas: “as nações que tenho capacitado são as seguintes: Capochós, Panhamus, Machacalis, Purichús, que são muito poucos, Camanachos, Goaquines, que dizem Guatexy”.¹⁴

Logo que encontra as primeiras pedras de diamantes no rio São Mateus, diz informar a descoberta imediatamente ao Superintendente Geral do Serro Frio – Pedro Leolino Mariz – com o cuidado absoluto de retirar o quinto dos cofres reais. Como em todo o registro que faz de suas conquistas, denuncia os desertores, principalmente alguns paulistas que o auxiliavam e também alguns sertanistas que, após a descoberta dos diamantes, desertaram-se sem

¹¹ Relato Guimarães. p. 145.

¹² Relato Guimarães. p. 146.

¹³ Relato Guimarães. p. 146.

¹⁴ Relato Guimarães. p. 150.

entregar a parte que cabia à Coroa. Mostrando-se obediente aos interesses reais, comunica que após a descoberta dos diamantes, dirigiu-se à câmara de Minas Novas e ao Superintendente Geral para prestar conta de suas atividades, momento em que também agradece as mercês a serem recebidas.¹⁵

Conclui o relato, prestando contas, ao tempo em que reitera suas realizações, conquistas e também o pedido de reconhecimento: “e como minha pobreza é tal que para nada possuo hoje, devo pedir a V. Excia. Por amor de Deus – queira mandar os meus requerimentos diante da Grandeza Real confirmar as mercês que espero me conceda V. Excia., no que receberei por uma grande esmola”.¹⁶

A estratégia adotada pelo governo português, alicerçada na economia do favor e de prêmios concedidos aos seus vassallos, além de garantir a contrapartida em serviços e fidelidade, contribuiu para a manutenção do edifício hierárquico da monarquia que necessitava deste jogo socialmente reconhecido e em prestação de favores mútuos (ANDRADE, 2002:76).

Após a descoberta de diamantes e esmeraldas nos sertões do rio Doce e do rio São Mateus, Guimarães, apesar de ter registrado a Pedro Leolino Mariz, que tais achados podiam não ter grande valor para os cofres reais devido a qualidade das pedras, continua sua aventura, dirigindo-se ao sertão da Bahia em busca das minas de prata registradas pela memória de Moribeca.¹⁷

De acordo com as informações de Mariz e Guimarães, como o Moribeca não tinha experiência em abrir minas de prata, trouxe técnicos experientes de Potosi para auxiliá-lo no empreendimento:

*João Correa, que tão bem esteve em Potosi, grande alquimista e muito prático em minas de prata, escreveu ao Moribeca, mandou-lhe algumas instruções e o desenho cuja cópia ponho na presença de V. Ex., com que cobrou mais ânimo e agregando a si o dito João Correa fez várias explorações, de que se tem visto algumas, que deram motivo a crer estava já descoberta a mina.*¹⁸

Moribeca não recebeu do rei de Portugal o reconhecimento de seus feitos, e decidiu não informar o caminho para as ditas minas de prata existente, não nos sertões mineiros, mas no sertão da Bahia. Guimarães, perseguindo o desejo de descobrir as minas de prata, deixa sua

¹⁵ Relato Guimarães. p. 149.

¹⁶ Relato Guimarães. p. 153.

¹⁷ ANAIS BN. Vol. XXXI. Ofício do Vice-rei Conde de Athouguia dando conta da informação que recebera do comandante das Minas Novas do Arassuahy, Pedro Leolino Mariz e do mestre-de-campo João da Silva Guimarães, acerca da descoberta das minas de prata, que anos antes tinham sido reveladas, por Belchior Dias Morêa, por alcunha o Moribeca. Bahia, 25 de maio de 1753. p. 48

¹⁸ Ibid.

família em Minas Novas e se dirige para o sertão baiano. Quando chega à Bahia, nos primeiros anos de 1750, envia ao vice-rei, Conde de Althouguia, amostras de pedras e relata a planta do lugar das minas de prata recém descobertas por ele:

Se passava pela Itabaiana e seguindo na endireitura da Jacobina, passava pela serra do Tiuba e daí entrando no terreno da mesma Jacobina fez alguns exames, de que se tem achado vestígios; e campeando por toda a parte explorou a serra do Açuruá, que tornou a entupir e se não pode saber o porque. Entrou no Rio das Contas, aonde entre outros sinais achei os 2 marcos de pedra levantados e posto em boa ordem mais altos [...] porquanto aonde se acha a mina era terra infestada dos Maracazes e outros gentios até a serra do Orobó.¹⁹

A procura de pedras preciosas e ouro conduz Guimarães do Alto Sertão da Bahia para o Recôncavo, de onde continua a relatar às autoridades portuguesas diversos outros descobrimentos e conquistas no decorrer do século XVIII.

O processo de aberturas e caminhos iniciado por João da Silva Guimarães é incrementado e dinamizado pelas novas necessidades fomentadas pela descoberta do salitre por Pedro Leolino Mariz, no sertão baiano. A implementação de novas ligações e contatos entre o sertão e o litoral abriu possibilidades claras de interiorização da administração colonial tendo Mariz como um dos principais agentes da imersão administrativa colonial.

As novas rotas foram o cenário de circulação de produtos e pessoas entre os sertões e as demais regiões da Colônia, principalmente norte de Minas Gerais, Nazareth, Valença e Aldeia no norte da Bahia e Canavieiras e Ilhéus, localizados no sul baiano. As conexões recentes, em função do transporte do Salitre, e as aberturas implementadas por Guimarães conectaram os sertões diretamente com o mundo atlântico intensificando novos nexos e transposições tanto de pessoas e coisas, como de saberes, numa conjugação de coexistências distintas e, aparentemente, dissociáveis.

As circulações, imersões e trânsitos de Guimarães pelo interior da Colônia são mais bem compreendidas se vistos como resultantes de um processo mais amplo de interiorização protagonizado, principalmente, pelas coroas católicas e seus operadores em todas as suas possessões coloniais, ações correlacionadas e conseqüentes de um amplo movimento de dilatação da dominação portuguesa e, posteriormente, ibérica.

As mediações e trânsitos culturais destes agentes pelos sertões da América portuguesa não se verificam apenas como conseqüências de seus movimentos, mas estão presentes em todas as suas trajetórias e percursos vivenciados com o distinto. As trocas culturais não são consideradas apenas como resultados da interiorização destes aventureiros, ao contrário, seus

caminhos e descaminhos são tonificados pelos diálogos incessantes vivenciados com o outro, seja em forma conflituosa ou de maneira acomodativa. Neste caso, o “gentio da terra” protagoniza o papel de guia de Guimarães em busca do ouro, noutra momento, auxilia Costa na abertura dos caminhos e, de outro modo, o conflito se instaura quando a resistência indígena se impõe como obstáculo às ações das conquistas.

Inusitados diálogos se verificam entre espaços históricos considerados distantes e apartados. Muitas vezes concebidos e ilhados pelo olhar do pesquisador. A área mineradora de Potosi se comunica com os sertões mineiro e baiano em função da necessidade de troca de saberes e técnicas. Desta maneira, os agentes desse diálogo fomentam e patrocinam circulações inéditas, inaugurando cenários também insólitos e extraordinários que alicerçam as misturas não só de pessoas, mas também de conhecimentos.

BIBLIOGRAFIA CITADA:

ANDRADE, Francisco Eduardo. *A invenção das Minas Gerais: empresa, descobrimentos e entradas no sertão do ouro, (1680-1822)*. São Paulo, 2002. 369 p. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo.

CALMON, Pedro. A verdade das minas de prata (prefácio). In: ALENCAR, José de. *As minas de prata*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.

Discurso histórico e político sobre a sublevação que nas Minas houve no ano de 1720. Estudo crítico, estabelecimento do texto e notas: Laura de Mello e Souza. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Centro de estudo históricos e culturais, 1994. 196p. (Coleção Mineiriana. Série Clássicos).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

_____. *Caminhos e fronteiras*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994b.

IGNÁCIO, Accioli. *Memórias históricas e políticas da província da Bahia*. Anotações: Braz do Amaral. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1957. v. 2.

VASCONCELOS, Diogo de. *História antiga de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia: Imprensa Oficial, 1904.

SIGLAS:

ANAIS BN – Anais da Biblioteca Nacional.

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia.

APM. SC – Arquivo Público Mineiro. Seção Colonial

¹⁹ Ofício do Arcebispo da Bahia, para Diogo de Mendonça Corte Real, referindo-se à um Recolhimento de Mulheres, fundado no sertão por uma filha do mestre-de-campo da Conquista João da Silva Guimarães e pedindo instruções a respeito. In: ACCIOLI, I. *Memórias históricas e políticas da província da Bahia*. op. cit. p. 336.